

LIBERA...

INFORMATIVO DO CÍRCULO DE ESTUDIOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO/RJ - BRASIL

PARTICIPAÇÃO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA URUGUAIA (FAU). MAGILLANES 1764;
11800 - MONTEVIDEO - URUGUAY & CCS/SP. CP 2066 - CEP 01060-970 - S. PAULO/SP

BRASIL: A CULTURA DO EXTERMÍNIO E DA IMPUNIDADE

DURANTE seus cinco anos de existência, o *Libera...* vem denunciando, em editoriais e matérias de fundo, o massacre das parcelas marginalizadas da população brasileira. Nossas páginas, frequentemente, têm, como assunto, chacinas: de índios, presidiários, sem-terra, crianças de rua, favelados, e demais excluídos da "Economia de Mercado" ou da "Nova Ordem" do Capital. Por trás desses crimes, quase sempre encontramos as Polícias Militar e Civil, os grupos de extermínio, jagunços e pistoleiros a soldo da classe dominante (políticos, empresários, banqueiros do jogo do bicho, comerciantes, latifundiários...).



Recentemente, mais uma faceta deste processo de extermínio sistemático veio à tona. Em uma clínica particular, no Rio de Janeiro, conveniada ao Ministério da Saúde, quase uma centena de idosos foram "deixados para morrer" em condições subumanas de falta de higiene, de alimentação, medicamentos e dignidade... Este procedimento não é novidade. Em todo o país, milhares de seres humanos têm sua morte acelerada nos lucrativos "campos de extermínio" controlados pela "Máfia da Saúde".

Jamais poderemos esquecer esquecer o crescente tráfico de crianças, feito de sul a norte do país, e que se desti-

na à prostituição infantil e à venda de órgãos, onde as crianças transformam-se em simples mercadorias, passando de mão em mão, inclusive de altas autoridades e grandes em-

presários que têm interesse não só acobertando e auferindo lucros com estas atividades, mas também aproveitando-se, fisicamente, das meninas, na mais deslavada postura cínica: para a grande mídia são os impolutos salvadores da pátria e de moral "ilibada", mas nas festinhas íntimas realizadas em São Paulo e na corte, em Brasília, não se intimidam em exercer seu mandato vergonhoso

como seres abjetos.

O que mais poderíamos esperar do capitalismo? Neste país, a escravidão é corriqueira nas zonas rurais; o desemprego e os baixos salários massacram os trabalhadores cotidianamente; os recursos naturais são saqueados para o lucro fácil de alguns poucos, em detrimento da maioria atual e das futuras gerações. A concentração de renda em favor da oligarquia é a maior do mundo; doenças medievais como a cólera, lepra e tuberculose grassam entre os miseráveis; mais de 40 milhões de pessoas passam fome e 25% das crianças são subnutridas. Perguntamos, então: Caro/a leitor/a, passa pela tua cabeça cruzar os braços perante a barbárie? Não, temos certeza!

Este *Libera...* é dedicado a todos/as aqueles/as que se organizam na luta por um futuro próximo de justiça e liberdade.

ASBOCAS

"Ser absolutamente moderno é ser aliado de seus próprios coveiros"

Milan Kundera, parafraseando Rimbaud

A CONSTRUÇÃO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA NO BRASIL (1)

Existe, no Movimento Anarquista, aquilo que poderíamos chamar de meio libertário, isto é, o conjunto de grupos organizados e simpatizantes que se identificam em maior ou menor grau com os ideais ácratas ou ao menos têm alguma compreensão de parte dos mesmos. Nesse meio, proliferam manifestos ou publicações de vida muito curta - embora escritos com uma quase arrogante confiança de quem se julga capaz de levar tranqüilamente o seu boletim à milésima edição. Pois é nesse material ou em relatos sobre o sucesso da organização, na América Latina ou na Europa, ou em cartas-convocatórias que cruzam as caixas postais pelos quatro cantos do país, que podemos encontrar, periodicamente, o anseio pela construção de uma estrutura nacional que mostre a força e potencialize a atividade dos diversos grupos: a Federação Anarquista. Esse anseio, como dizemos, é cíclico e tem se repetido ao longo dos últimos 20 anos da história do movimento neste país. E apesar de ter ultrapassado os limites da simples troca de correspondência, em pelo menos dois encontros específicos para a fundação da Federação Anarquista (sem contar todo o esforço paralelo de organização da atividade específica de militância sindical no movimento pró-COB), esta não foi além das resoluções.

Hoje, como em cada período precedente, os grupos acreditam estar em um nível de organização maior do que o período imediatamente anterior. Além de se julgarem dotados de uma capacidade de militância, de uma obstinação que certamente vencerá qualquer obstáculo ao crescimento, à consolidação de suas estruturas e da atividade federativa. Em parte, um entusiasmo pelo ideal que extrai seu vigor da própria juventude de seus membros. Em parte, uma grande carga de boas intenções, desprovida do conhecimento e da experiência histórica dos que os precederam. Afinal, o MA já apresentou um trabalho federativo concreto (o jornal *Inimigo do Rei*, em suas três fases, por exemplo; campanhas nacionais pelo voto nulo, etc.) e vínculos organizativos muito maiores (e por um período mais prolongado) que os existentes entre os grupos atuais do país e não foi capaz de alavancar a criação da FA.

Nos propomos a tentar traçar uma parte dessa experiência, para que sejamos capazes de aprender com ela. Só assim, seremos capazes de construir a FA e não a partir de encontros específicos, dentro de um movimento ainda minúsculo,

onde os nomes das organizações têm mais letras do que o número de membros que as compõem. É na dureza da militância cotidiana, do trabalho de formi-

ga com a população, onde residimos ou onde quer que tenhamos escolhido como campo de atuação, que nós nos renovamos na formulação de alternativas libertárias, amadurecendo nossa militância e fortalecendo nossas organizações. Na construção prática da autogestão e não no panfleto distribuído a esmo. Na participação direta da formação de cooperativas de consumo ou reciclagem, de grêmios acadêmicos ou ateneus de cultura, jornais de bairro, etc. Romper a barreira que nos separa da "normalidade" geral, falar com os trabalhadores como trabalhadores que somos. Não nos escondermos sob artifícios culturais, roupas ou estilos que sugerem uma vocação para o gueto ou a falta de confiança em nós mesmos, como indivíduos e como partidários de idéias que se pretendem universais.

Construir o sonho no dia-a-dia é dolorido. No entanto, aprendendo com os erros e os acertos dos que já tentaram essa aventura, talvez nos poupemos de algumas decepções. Embora não nos livremos da nossa própria carga de dores, ela será original, e não a mera repetição das experiências passadas. Avançaremos além do que foi alcançado e quiçá logremos forjar verdadeiramente a FA. A maior homenagem que podemos fazer aos que tombaram, não são as flores, como diz a velha canção, mas o aprendizado das lições que nos deixaram.

CCS - São Paulo

Assinatura semestral de apoio (R\$ 7,00); pacote de 10 *Liberas* (R\$ 2,00); adesivo contra a pena de morte (R\$ 1,00); revista *Utopia*, nº 4 e 5 (R\$ 2,00 - cada); livros (solicite tabela).

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o CELIP (também aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal a Renato).

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião do Coletivo Editorial do CELIP.

"dai flores aos rebeldes que tombaram..."

PRIMEIRO DE MAIO: A LUTA DE CLASSES

Todos os anos, quando vem chegando o mês de abril, redobramos o trabalho militante. Planejamos um calendário de atividades, que sempre culminam no Ato geral da FAU pelo Primeiro de Maio e na passeata ("marcha") das colunas, que saem dos bairros para o ato unificado dos trabalhadores uruguaios.

Abril é também o mês mais tenso. É quando os militares se lembram da bandeira dos 33 orientais (com os dizeres "Libertad o Muerte"), expropriada por uma equipe da OPR - braço armado da FAU - no ano de 1971. A milicada fascista tem entalado na garganta o fato de a bandeira nunca mais ter aparecido e multiplicam as ameaças, comuns durante o ano.

Ao se aproximar a data dos mártires anarquistas, uma injeção de ânimo toma conta de nossa militância e dos simpatizantes. Todos os secretariados, frentes, agrupações e espaços de inserção são potencializados ao máximo para podermos, além de afirmar a presença da organização no dia conquistado pelos companheiros do século XIX, vivenciar uma experiência política onde valorizamos um dos princípios mais queridos pelos trabalhadores: A luta de classes.

Quando os mártires anarquistas de Chicago foram julgados pela "justiça" da burguesia, por atirar bombas contra a repressão e incitar os trabalhadores a se rebelarem, declararam:

- Neste tribunal, se trata de uma classe contra outra!

Com essa mesma disposição, de lutar como militantes das classes oprimidas, encaramos em coletivo todas as tarefas pelo Primeiro de Maio. Não foi fácil: publicação de um suplemento especial da revista *Lucha Libertaria*, contando a história desta data e suas lutas, e também uma análise da situação atual; organizar o Ato da FAU e nossas colunas (uma saindo da zona periférica de Cerro e os preparativos para o Ato (discursos, solidariedades e convocatórias; aluguel e adequação do teatro que usamos e também uma baita faxina na sede da organização).

Contamos, além da militância orgânica da FAU, com um grande apoio de nossos simpatizantes. Tentamos fazer de cada jornada pelo Primeiro de Maio uma experiência política vivenciada, tanto nas discussões como no suor do trabalho. Felizmente, graças à dedicação de muita gente disposta e combativa, deu tudo certo. Acreditamos ter avançado mais um passo no projeto que traçamos para a organização.

Ato anarquista por um Primeiro de Maio classista

Como de costume, culminamos o Primeiro de Maio com um Ato político (da FAU), uma grande passeata e concentração popular. Isto porque, como organização política dos anarquistas, defendemos o protagonismo dos movimentos populares. Marcamos uma linha de trabalho todo o ano, cujas características mais profundas (inserção social; respeito pela independência das entidades de base; corte (apoio às lutas dos povos de nossa América Latina e a construção de uma Frente dos Oprimidos no Uruguai) são condensadas e expressas classista, combativo e libertário em toda e qualquer tarefa e a busca

de uma identidade solidária e popular) e nossas propostas centrais em discursos políticos. Os companheiros e companheiras que sobem ao estrado, não são dirigentes nem líderes. São delegados da organização para cumprir uma tarefa: levar, através de sua oratória, o pensamento e a ação e uma militância que procura dar o máximo de si,

365 dias por ano, participando das lutas populares e contribuindo com o projeto estratégico da FAU.

Para expressar esta vontade política, organizamos um Ato, num teatro bastante conhecido de Montevideu, localizado no centro da cidade. Discursou, uma companheira pelos jovens da organização, um companheiro gráfico pela Frente Sindical e o companheiro que é secretário de organização. O teatro ficou lotado, ao redor de 400 pessoas presentes.

No dia 29 de abril, abrimos o Ato, como de costume, com a canção anarquista *Filhos do Povo*. Depois, um companheiro e uma companheira que estavam apresentando o Ato, alternadamente, leram adesões de outras organizações de esquerda, de grupos anarquistas latino-americanos

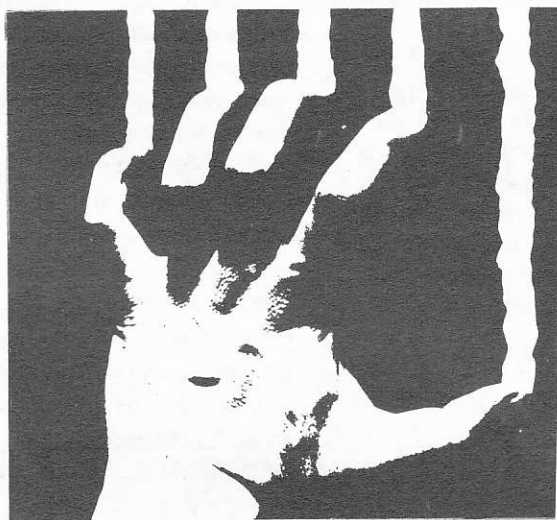
(como de Rosário, Argentina e da Construção Anarquista Brasileira) e manifestos de solidariedade - dentre eles, aos sem-terra massacrados no Sul do Pará, citando os amigos da OSL, de Belém.

Os discursos enfatizaram os temas atuais, como: repressão aos jovens, o desemprego estrutural, quebra dos valores solidários do povo (hoje, reina o individualismo burguês), aumento constante da marginalização e da miséria - fruto do neo-individualismo e do Mercosul - e uma "esquerda" oficial cada dia mais cúmplice do sistema de opressão e exploração. Também reafirmamos as propostas da FAU para os dias que vivemos: a busca de um modo de fazer política de forma direta e autogestionária, o belo exemplo que nos dão os companheiros zapatistas (ao acusarem Marcos de anarquista, disse: "É certo, não queremos o poder do estado, nem cargo governamental. Queremos uma forma de fazer política que fortaleça e impulse esses movimentos.") e os caminhos que apresentamos hoje para as lutas das classes oprimidas no Uruguai (trabalho solidário nos bairros pobres; que em todo e qualquer conflito do movimento popular, o maior número possível de entidades de base participe e apoie; a construção, no trabalho militante solidário de todos os dias, de um verdadeiro sentido de Frente dos Oprimidos).

Depois do Ato, convidamos os presentes para irem à sede da organização, e lá prosseguirmos as discussões. Foram umas 100 pessoas, permanecendo até altas horas da madrugada.

Por um Primeiro de Maio classista e combativo

No Primeiro de Maio em Montevideu, não há ônibus circulando, nem lojas abertas. É o dia dos trabalhadores e, óbvio, ninguém trabalha. Mas também é dia de luta e para marcar bem esta data, historicamente saem colunas dos bairros operários até a concentração unificada da classe trabalhadora uruguaia.



Hoje, nesses mesmos bairros é altíssima a porcentagem de subempregados. Até pouco tempo atrás, algumas direções sindicais reformistas faziam de tudo para acabar com o tom combativo e com as colunas dos bairros. A única que permaneceu foi a coluna do Cerro (histórico bairro de concentração operária e há mais de 100 anos um reduto anarquista). A FAU, insistindo com a coluna na periferia onde temos inserção, convoca a população através das entidades de base onde militamos. A coluna, com o passar dos anos, foi reconquistando sua identidade popular e hoje já saem algumas colunas de outras zonas da cidade.

A partir das nove da manhã, nos concentramos no restaurante comunitário ("Comedor Infantil") que temos no Cerro. Demos os ajustes finais nas três faixas, cada uma com mais de cinco metros de largura por dois de altura. A maior delas, a da coluna, levava os dizeres: - Por um Primeiro de Maio Classista e Combativo. Esperamos mais gente chegar e por volta do meio-dia, saímos para o lugar de concentração do Cerro.

Mais meia-hora juntando gente e parte a coluna do Cerro. A frente, companheiros da cooperativa dos taxistas com mais de 50 veículos abrindo a passeata. Atrás dos taxistas, a faixa da coluna. Nas quadras que passávamos, mais e mais gente aderindo.

Gente de uma fábrica ocupada há quase dois anos (depois de tanta luta, prestes a reabrir), das cooperativas de habitação, comissões de vizinhos, sindicatos da área e grupos de juventude dos bairros (como o nosso, Paralelo 38). Por onde passávamos, os que não aderem aplaudem a coluna.

São mais de 12km de trajeto, totalizando umas três horas de passeata, com crianças de colo, idosos, gente na faixa dos 40 anos e muitos jovens. Ao chegar perto do ponto de encontro onde os companheiros da coluna Las Acacias nos esperavam, redobramos os gritos de luta:

- Basta de dialogar, para a rua e pra lutar! - Contra a repressão, Luta e Organização! (e como sempre) "Se escucha, se escucha. Arriba los que luchan!"

Ao chegarmos no ato unificado da única central sindical uruguaia (PIT-CNT), o total de presentes era superior a 30 mil pessoas. A coluna do Cerro, somada com a de Las Acacias, era mais do que um terço do ato. Como disse uma rádio que fazia a cobertura ao vivo: "Aí vem a coluna do Cerro, combativo como sempre. E são muitos!"

Mesmo tendo de escutar alguns discursos ridículos, outros extremamente pelegos (dessa vez os stalinistas daqui abusaram, convidaram uma representante da "Farsa Sindical" do Brasil!), nosso objetivo foi cumprido. Marcamos a presença anarquista e popular, com o tom combativo de sempre, e milhares de pessoas. Demonstramos, ainda que em pequena escala, a impotência das direções reformistas quando as pessoas estão dispostas, auto-organizadas e com uma organização anarquista para impulsionar a luta!

Neste Primeiro de Maio, uma vez mais provamos que a luta libertária é coletiva, organizada e cotidiana. Primeiro de Maio, para os anarquistas, tem de ser todos os dias do ano. Sempre, estando a idéia, o conceito e a prática de que nossa luta, "é a de uma classe contra outra!"

Federação Anarquista Uruguia (Magallanes 1764 - código postal 11800 - Montevideo - Uruguay. Fax: 005982948160)

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20060-070. RIO DE JANEIRO /RJ * **MUTIRÃO**. CP 126049. CEP 24240-970. NITERÓI/RJ * **CCS/SP**. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/S * **ANA**. CP 78. CEP 11510-970. CUBATÃO/SP * **GRAVIDA**. CP 3395. CEP 82001-970. CURITIBA/PR * **MLPL**. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * **APPL**. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * **CCL/ OSL**. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * **AÇÃO COLETIVA**. CP 230. CEP 85851-970. FOZ DO IGUAÇU/PR * **ULBS**. CP 2137. CEP 11051-970. SANTOS/SP * **AFIM**. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN * **COB**. CP 7597. CEP 01064-970. SÃO PAULO/SP * **UNI-LIVRE / OSL**. CP 03668. CEP 70084-970. BRASÍLIA/DF * **COLETIVO LIBERTÁRIO**. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * **FAG**. CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS.

VAMOS ABRIR ESSE BAÚ...

Somos anarquistas porque somos indignados. Vemos e vivemos um mundo que nos é enfiado a cada dia pela goela e sofremos com ele. Choramos irmãos mortos, que lutavam como nós por uma sociedade mais justa, e prosseguimos lutando, encarando as batalhas do nosso cotidiano.

Somos loucos! Contra o Estado, a propriedade privada... não temos, nem nunca tivemos nenhuma instituição histórica para passar a mão sobre nossas cabeças... Seguimos resistindo: em cada zine, em cada som, em cada manifesto de pessoas ou grupos que agora também se encontram virtualmente pela Internet.

O resultado disso é que, em tempos de fim da história e de pós-modernidade, somos o discurso ou a ideologia que restou depois de todos os muros terem sido derrubados; Depois de todos os discursos terem sido recuperados: o dos partidos de esquerda, que nem mais reivindicam o socialismo; o das ONGs, que ainda são "sem fins lucrativos" apenas para que seus coordenadores possam dormir mais tranquilos a cada noite; o de movimentos sociais, os mais diversos, que se perdem na burocracia e no imobilismo. A clareza de que deve existir algo além da hipocrisia é que nos mantém de pé, resistindo.

Mas não só de críticas e denúncias nós vivemos. Se a utopia anarquista reside em nós, é porque nossos sonhos são feitos de elementos concretos e nossas atitudes não são falaciosas ou fantasiosas. Podemos até ficar à vontade com o rótulo de socialistas utópicos, pois a realidade é para nós, aquilo que sonhamos. A liberdade existe, para nós, não quando termina a liberdade do outro, mas sim quando começa. A cada (re)criação de experiências libertárias, revivemos o anarquismo com nossos companheiros de luta.

Temos nossas vocações e afinidades na vida. Temos com os quais nos tornamos íntimos e até mesmo especialistas (e por que não dizer, sem medo: autoridades). Assuntos que nos incomodam e nos levam ao questionamento, que se traduz em artigos, em versos, em músicas, roteiros... qualquer forma de manifestação que mereça ser trazida a público.

Temos um bom órgão de informação, o LIBERA! Quiéramos nós que fossem 10, 100 deles... Mas temos um que funciona, que vai do Oiapoque ao Chuí (onde houver um coração libertário), além do exterior. E poderia funcionar mais, se recebêssemos colaborações de todos, se novos escritos revolucionários deixassem os cadernos e arquivos no fundo da estante, e viessem aqui para a nossa redação.

Este é um informativo de todos nós. Não perca de vista que outros poderão existir, até mesmo com a sua ajuda, mas faça do nosso LIBERA um informativo cada vez mais plural e participativo.



...AMORE MIO